

Discurso na atribuição do grau Honoris Causa

É um lugar-comum afirmar que vivemos numa encruzilhada, marcada por uma crise de valores, pela erosão de laços sociais e pela ausência de projetos estruturantes de desenvolvimento social.

No entanto, a fluidez moral que alimenta a memória mediática de curto prazo comprometendo a memória histórica e a reflexividade das sociedades colocamos, enquanto cidadãos, perante um futuro inquietante.

Um futuro marcado pela ausência de um projeto de sociedade, refém de circunstancialismos de agenda e de interesses conjunturais.

Um futuro onde o compromisso responsável em torno de reformas estruturantes cede a mudanças pontuais sem uma direção e um rumo.

Um futuro em que os direitos, deveres, liberdades e garantias que ao longo de séculos foram transformando o indivíduo num cidadão comprometido no desenvolvimento da sua comunidade, se reduzem a bens transacionáveis.

Neste sentido não é surpreendente que um projeto de desenvolvimento social fundado no humanismo, como o é desporto e o Olimpismo, se encontre aprisionado por esta incontornável tendência.

Uma tendência que confina o clube a mais uma entidade prestadora de serviços desportivos e entretenimento, e os seus agentes, particularmente os de maior exposição mediática, a especiais protagonistas.

Uma tendência onde o desporto e a educação física, ao invés de se enraizarem como um elemento nuclear no processo educativo, se reduzem, muitas vezes, a simples oportunidades lúdicas e recreativas em meio escolar.

Uma tendência que minoriza a legitimidade científica dos agentes e instituições que têm no desporto, na educação física e na análise do movimento o seu objeto de estudo e razão de existir.

Uma tendência que circunscreve o desporto a um instrumento de domesticação e controlo de impulsos, automatizando o indivíduo na repetição acéfala do gesto motor, subtraindo-lhe todo o potencial de responsabilização social e construção cívica.

Uma tendência que perante uma voragem reguladora tolhe a autonomia associativa e rouba-lhe a capacidade de pensar e construir um discurso sobre o seu futuro.

Com efeito, quando se comprometem os direitos dos cidadãos está-se a gerar uma desresponsabilização destes perante a sua sociedade.

Somos dos poucos países da União Europeia onde o desporto se encontra expressamente consagrado como um direito de todos os cidadãos no texto constitucional.

Mas, simultaneamente, somos dos países europeus com maiores défices de cidadania desportiva, expressos numa pluralidade de indicadores de desenvolvimento desportivo.

Valorizar socialmente o desporto foi ao longo destes anos, e ainda hoje continua a ser, o principal desígnio mobilizador nas funções que tenho exercido, pois acredito que, de facto, “o desporto tem o poder de ajudar a mudar o mundo”.

O desporto tem, particularmente no conturbado período que vivemos, um papel preponderante para erigir um projeto de sociedade que volte a colocar o homem no centro do seu processo de desenvolvimento.

Pois congrega na sua prática, e no seu *ethos*, os valores olímpicos do respeito, da amizade e da excelência aliados à superação, à não discriminação, à tolerância, à resiliência ou à solidariedade, numa poderosa ferramenta de coesão social.

Uma ferramenta que nos resgata do relativismo moral, do egocentrismo, do individualismo absurdo, da violência e da indiferença atroz que tantas vezes nos choca quanto a impotência que nos angustia perante a sua banalização no quotidiano mediático.

Devolve a cada um de nós os laços de identidade e comunhão. Os laços da nacionalidade. O orgulho do nosso país. Daqueles que elevam os símbolos de um país que descobriu novos mundos a patamares de excelência internacional, como poucos outros protagonistas ou sectores de atividade. Disso temos exemplos bem presentes na nossa memória.

Mas também temos, aqui presentes, símbolos perenes do nosso imaginário que a glória olímpica gravou para a eternidade a letras de ouro como parte do nosso património. Fazem parte de todos, e de cada um de nós.

Bem sei que para muitos este património simbólico não encontra tradução tangível no léxico economicista e financeiro que enforma a atual mundividência.

Ora, mirando o desporto pelo seu valor económico, deparamo-nos com um elevado ativo de baixo custo de investimento. O valor acrescentado bruto, ou seja, o potencial de criação de valor por unidade monetária investida, encontra no desporto um efeito multiplicador exponencial.

Não me refiro aqui ao crescimento da indústria do desporto, ao emprego gerado, nem tampouco ao seu contributo para o PIB. As estatísticas são, felizmente, públicas e de fácil consulta.

Nem me refiro também aos benefícios indiretos relacionados com a diminuição do absentismo, dos encargos em saúde pública ou dos acréscimos na produtividade laboral e académica.

Refiro-me a um bem público, de baixo custo para o erário público, pois dele recebe muito mais do que aquilo que lhe devolve. Um bem que socialmente vale muito mais do que aquilo que economicamente custa.

Um bem público prestado por numerosos agentes desportivos benévolos, cujo inestimável valor económico do seu voluntariado permanece negligenciado.

Afinal, um bem cujos benefícios se projetam muito para além de quem o pratica - e por isso se trata de um bem público – alimentando uma máquina fiscal que tributa mais o praticante do que o espectador.

Pouco interessada em levar a cabo medidas que estimulem o voluntariado ou a compatibilização da carreira desportiva com a carreira profissional. Que tornem o desporto mais atrativo ao investimento ou ao mecenato privado, por força de benefícios fiscais, alinhado, aliás, com a generalidade dos países europeus.

Que se oriente da ótica da despesa para a ótica de investimento. De um bem de consumo de baixo custo para um ativo estratégico de enorme potencial.

Reunimos em diversas dimensões de análise condições únicas para valorizar esse ativo estratégico. É bom não esquecer que potências desportivas encontram em Portugal um terreno fértil para valorizar os seus ativos, em particular no processo de treino dos seus atletas e equipas de elite, mas também importando a competência técnica de treinadores, investigadores e especialistas nacionais, ou a qualidade dos nossos atletas.

Mas somos também herdeiros de conceções paroquiais sobre a organização e o progresso social do país que nos atomizam em torno de interesses próprios, e de um anquilosante instinto auto-protetor, imortalizadas nas páginas de Camilo, Eça ou Régio.

Conceções que nos remetem a cerrar fileiras para preservar o conforto de um reduto familiar, tolhendo a ousadia em assumir os desafios prementes para posicionar o nosso ativo à altura da sua relevância estratégica enquanto veículo primordial para um novo projeto de sociedade fundado no respeito, na dignidade e na solidariedade entre os homens e entre as mulheres.

Não basta para isso uma profissão de fé sobre a Carta Olímpica ou o Declaração Universal dos Direitos do Homem. Infelizmente exemplos recentes, cruzando o mundo olímpico e as mais diversas modalidades, estão aí para o confirmar.

Conquistamos a nossa credibilidade a pulso, mas perdemos a reputação moral num ápice quando não estamos à altura de valorizar o bem que professamos e nos entregamos a dissensões estéreis na praça pública.

Perdemos o respeito por nós próprios, e por aqueles que servimos, transformando causas e missões de serviço público em projetos de poder e ambições pessoais.

Somos um péssimo exemplo cívico quando usamos a crítica para refletir simples estados de alma ou ajustes de contas pessoais.

Portugal merece melhor. Merece quem ajude a construir e não a destruir. Sempre com a humildade de reconhecer que o saber se constitui hoje, na atual sociedade do conhecimento, num valor escasso e precário e que sabemos sempre pouco em relação ao que precisamos de saber.

O compromisso, a cooperação e a parceria colaborativa, fundada no debate aberto e democrático de ideias, e no respeito pela diferença, são fatores determinantes para superar barreiras, federar interesses e criar pontes para o futuro, valorizando a unidade na diversidade na construção daquilo que aspiramos.

Temos o dever de resistência perante uma visão empobrecida do papel do desporto na sociedade.

Temos um dever de resistência e de consciência. Não como um exercício de negação, mas como construção.

Temos de nos interrogar se muitas vezes estamos a olhar para onde é preciso ou apenas para onde nos conduzem a olhar.

Temos a obrigação de usar a palavra dirigindo-nos aos nossos concidadãos. Falar é o primeiro sinal de respeito para com eles. O que não tem palavras não existe. A palavra é o nosso bem mais precioso. A palavra é, como alguém disse, o nosso agasalho da alma.

Contribuir para mudar estas contradições, colocando o desporto no centro da vida cívica e das políticas públicas e associativas, marcou, como tantos outros colegas aqui presentes, as minhas aspirações desde os tempos universitários.

Contribuindo para a promoção da prática desportiva num quadro de ação orientado para a divulgação dos valores que inspirem um maior envolvimento

e identidade social com o desporto, um reforço da cultura desportiva e da mobilização cívica para esta área.

Contribuindo para ampliar o peso da agenda política do desporto em articulação com outras políticas conexas nos planos da economia, fiscalidade, formação profissional, educação, turismo, a cultura, o ambiente, etc.

Ajudando a promover uma imagem atrativa do valor, necessidade e dos benefícios que o desporto representa para o país e para os cidadãos.

Mobilizando esforços e vontades que permitam enfrentar com sucesso os desafios que o futuro do desporto nacional a todos nos coloca.

Magnífico Reitor

Minhas Senhoras e meus senhores

Nunca tive planos para a vida. Tenho procurado a responder aos planos que a vida tem tido para comigo. Planos muitas vezes feitos de circunstâncias e de acasos. De encontros.

Quero aqui falar de alguns desses encontros.

O primeiro foi com o Alfredo Melo de Carvalho. Conheci-o, ainda eu era jovem estudante do INEF, em reuniões clandestinas da oposição democrática. Mas devo-lhe, alguns anos mais tarde, o convite para o início de uma carreira profissional nas autarquias num tempo em que o desporto ainda não tinha ganho o direito à sua presença no âmbito das políticas locais e que foi determinante no meu percurso profissional.

O segundo o José Maria Noronha Feio com quem estabeleci uma relação de profunda admiração e cumplicidade intelectuais e cujo desaparecimento prematuro nos lembra que a vida nem sempre é justa para com os nossos melhores.

Na lembrança e no agradecimento a estes dois homens, tão diferentes, mas tão cultos, tão sensíveis mas tão abertos ao conhecimento e ao mundo, quero simbolizar todos aqueles que comigo têm partilhado anos de tanta intensidade.

E que me ajudaram, na crítica ou na aprovação, a aqui chegar fazendo um caminho que de outra maneira não teria feito.

Mas entre há todos um que neste local e nesta circunstância eu quero saudar.

Refiro-me ao Jorge Olímpico Bento

Eu e o Jorge Bento fomos colegas de curso e companheiros de muitas jornadas. De muitos combates. Uns que vencemos, outros em que saímos derrotados.

Tínhamos algumas coisas em comum: origens humildes; pais que não tendo estudado e vivendo com dificuldades tudo faziam para dar um futuro diferente aos filhos.

Vínhamos de baixo. Estudámos sempre a contar os trocos. Com eles saciávamos o amor aos livros. E procurávamos na nossa formação uma ascensão social que contrariasse as nossas origens.

Carregávamos um sentido de justiça onde o mérito fosse premiado. Mas não eramos insensíveis ao tempo que vivíamos. Um tempo de mordança e de limites às liberdades. E, por isso, acompanhava-nos um sentimento de revolta que nos empurrava para uma afirmação cívica combativa num país mergulhado numa ditadura.

Recordo com saudade esses tempos, feitos de muita ingenuidade e voluntarismo, mas também de utopias e causas que nos ajudaram a crescer.

Alguns, nesta sala, recordar-se-ão desses tempos.

O 25 de Abril e com ele a liberdade abriu-nos novos horizontes. A vida separou-nos fisicamente, que não emocionalmente. E fui testemunha de um percurso do Jorge Bento que o tornou um dos mais brilhantes da nossa geração.

E, agora que pela lei da vida nos vamos aproximando do final da nossa caminhada, recordo com emoção um companheiro de luta e um amigo sempre presente. Um amigo que nunca me abandonou, sobretudo nas curvas mais difíceis que a vida tem.

Estarei, por isso, também sempre grato à minha família, a minha mulher e aos meus filhos, aos meus mestres, colegas e amigos aqui presentes. Aos meus colaboradores. Mas também aos meus oponentes, pois com todos aprendi.

Com eles continuo a aprender que aquilo que nos congrega, o desporto, é o primeiro lugar onde podemos dar plena expressão aos valores que professamos e um instrumento essencial para forjar o projeto de sociedade que acreditamos onde a cidadania responsável e o respeito pelos direitos do

homem - independentemente da sua condição social, económica, raça, credo ou religião - sejam as pedras basilares do seu desenvolvimento.

A outorga que agora me é concedida por parte da prestigiada Universidade do Porto é uma enorme distinção e uma elevada responsabilidade.

Uma universidade que cultiva a pluralidade dos saberes, das artes às ciências, das humanidades às tecnologias e onde se acolhe a prestigiada Faculdade do Desporto.

Uma universidade que junta o meu nome a uma plêiade de personalidades do mundo da política, da ciência, da economia, da cultura.

Obrigado ao Reitor da Universidade do Porto

Obrigado à Faculdade do Desporto da Universidade do Porto

Obrigado a todos os que sentem esta distinção também como sua, porque na vida ninguém caminha sozinho.

Esta distinção é fruto de uma história que construímos juntos, a história de uma geração da educação física nacional que ainda está, quase toda, por fazer.

Mas que nos deve orgulhar.

Um sentido e reconhecido obrigado a todos!

Porto, ,de Setembro de 2016

José Manuel Constantino